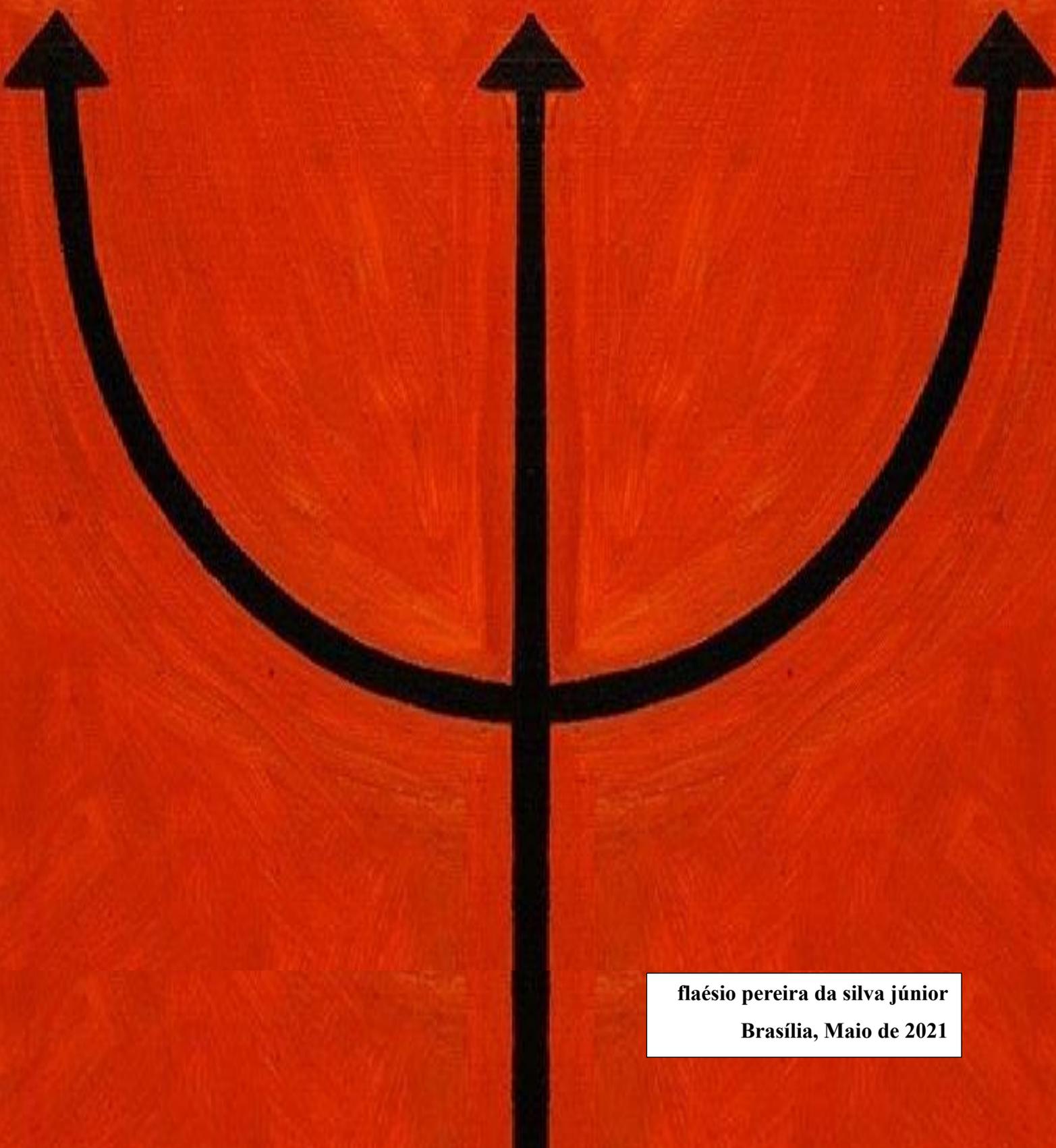


TRANSGREDINDO NA COMUNIDADE EDUCADORA
Resistências em caminhos entrecruzados



flaésio pereira da silva júnior
Brasília, Maio de 2021



Universidade de Brasília - UnB

Faculdade de Educação - FE

flaésio pereira da silva júnior

TRANSGREDINDO NA COMUNIDADE EDUCADORA

Resistências em caminhos entrecruzados

Trabalho apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Pedagogia, junto à Faculdade de Educação, da Universidade de Brasília, sob a orientação da profa. Dra. Ana Tereza Reis da Silva.

Brasília

Mai de 2021

[...]

*Mano, vou te falar ein, ô lugar que eu odiava
Eu não entendia porra nenhuma do que a professora me falava
Ela explicava, explicava, querendo que eu
Criasse um interesse num mundo que não tinha nada a ver com o meu
Não sei se a escola aliena mais do que informa
Te revolta ou te conforma com as merdas que o mundo tá
Nem todo livro, irmão, foi feito pra livrar
Depende da história contada e também de quem vai contar
Pra mim contaram que o preto não tem vez
E o que que o Hip-hop fez? Veio e me disse o contrário
A escola sempre reforçou que eu era feio
O Hip-hop veio e disse: Tu é bonito pra caralho
O Hip-hop me falou de autonomia
Autonomia que a escola nunca me deu
A escola me ensinou a escolher caminhos
Dentro do quadradinho que ela mesmo me prendeu.*

[...]

*Thiago Elniño em “Pedagoginga”,
com as participações de Sant e Kmkz
álbum “A rotina do pombo”.*

Dedico esse ensaio

Aos companheiros e companheiras jardineiras,
que semeiam vida e por isso não têm medo da colheita.

A quem não dá, mas distribui o melhor para o mundo.

A toda gente que se recusa a andar e comer farelos com os porcos.

Aos peixes que mesmo na rede nunca perdem o cheiro do mar.

A quem fecha os olhos e enxerga a beleza de dentro.

À memória de todos os colegas que disputando a universidade tiveram seu brilho ofuscado.

E ao meu pai que foi interrompido pela política de morte do Estado brasileiro e não me viu formar.

Viva EXU DO ABSURDO!

AGRADECIMENTOS

À magia das folhas sagradas que me geraram, a toda raiz, às águas que minam e caem e que sempre encontram o meio, aos ventos de redemoinhos, às terras vermelhas da poeira e da lama, às pedras miúdas e ao cerrado seco e duro onde faço morada.

Ao sagrado e ao profano.

Às deusas e deuses, aos orixás, aos voduns e a todos os encantados, à minha ancestralidade, às bruxas, à legbara da minha alma e aos exus, aos vaqueiros e boiadeiras, às crianças descalças, às caboclas e caboclos e a toda gente originária dessa terra, a todos e todas as nômades caminheiras, às ciganas e ciganos, às pretas e pretos, e aos que como eu estão em retomada coletiva de si.

Aos tambores que cantam, a toda oferenda arriada, às rezas e orações feitas, às mandingas e a tudo que chamam de macumbas e sorte mas que é, na verdade, ciência encantada que sempre me sustentou.

À minha mãe que me gerou e à minha mãe que me consagrou.

Ao meu pai que me ensinou a não comer a vida com garfo e faca, mas a me lambuzar.

Às minhas irmãs e irmãos de sangue, de santo e do mundo.

Às minhas avós que me ensinaram a curar, lutar e viver.

A todas as amigadas e todo vizinho verdadeiro que surgiu na minha caminhada, principalmente àqueles que me proporcionaram gozar a vida.

A todos os professores e professoras que me ajudaram na jornada educacional, em especial a minha orientadora amazônida pela acolhida.

À existência inventada da autoridade do pergaminho que ganharei ao concluir o curso de pedagogia, que nunca fará ninguém maior que qualquer mestre do povo, pois não existe diploma maior que a experiência vivida.

Às cambalhotas do destino que me permitiram chegar até aqui e principalmente às coisas miúdas que foram acréscimo de força vital na jornada da graduação.

Aos amores, ao tempo e à vida.

A toda gente, crente ou descrente, que nas andarilhanças da vida compartilharam comigo sonhos, utopias, delírios, emoções, bebidas, pitos e afetos, e que ajudaram na eterna construção coletiva de mim mesmo e desse ensaio.

EPÍGRAFE

Técnica Nº 1:

DESOBEDEÇA!

sempre que tudo parar de fazer sentido

sempre que uma ordem ofender alguém

sempre que proibirem a esperancice

sempre que estiveres lidando com pequenos tiranos

sempre que você perceber-se operando no automático

DESOBEDEÇA!

desobedeça a polícia

desobedeça o governo

desobedeça a escola

desobedeça todo e qualquer tipo de sistema autoritário fascista

desobedeça a ordem

desobedeça o status quo

desobedeça todo e qualquer caminho amarrado ou viciado

desobedeça a moda

desobedeça o facebook

desobedeça a Globo

desobedeça os cartões de crédito

desobedeça todo e qualquer tipo de controle imperialista

mas acima de tudo desobedeça a si mesmo quando tiver medo de atravessar o sertão

Poesia de rua adaptada

TRANSGREDINDO NA COMUNIDADE EDUCADORA

Resistências em caminhos entrecruzados

flaésio pereira da silva júnior

RESUMO

O presente ensaio constitui uma reflexão teórica inspirada em experiências acadêmicas contra hegemônicas que tive enquanto estudante-pesquisador no curso de graduação em Pedagogia da Universidade de Brasília. O Projeto Semeando Ubuntu e outras experiências coletivas na universidade me proporcionaram enxergar outros caminhos pedagógicos possíveis. Nesse sentido, a presente narrativa é orientada pela perspectiva política de uma educação engajada, de um ensino transformador e de uma pedagogia crítica que ginga e aflora os afetos e amores de sermos quem somos. Trata-se, portanto, de uma educação que inspira Ubuntu e que reflete o mundo desde uma ética da prática educativa e libertadora.

Palavras-chave: Educação libertária, Pedagogia engajada, Ubuntu, Comunidade educadora.

ABSTRACT

This essay is a theoretical reflection inspired by academic experiences against hegemonic experiences that I had as a student-researcher in the undergraduate course in Pedagogy at the University of Brasília. The Semeando Ubuntu Project and other collective experiences at the university allowed me to see other possible pedagogical paths. In this sense, this narrative is guided by the political perspective of an engaged education, a transformative teaching and a critical pedagogy that swings and touches on the affections and loves of being who we are. It is, therefore, an education that inspires Ubuntu and reflects the world from an ethic of educational and liberating practice.

Keywords: Libertarian education, Engaged pedagogy, Ubuntu, Educating community.

RESUMEN

Este ensayo es una reflexión teórica inspirada en las experiencias académicas frente a las experiencias hegemónicas que tuve como estudiante-investigador en el curso de pregrado en Pedagogía de la Universidad de Brasilia. El Proyecto Semeando Ubuntu y otras experiencias colectivas en la universidad me permitieron ver otros caminos pedagógicos posibles. En este sentido, esta narrativa está guiada por la perspectiva política de una educación comprometida, una enseñanza transformadora y una pedagogía crítica que oscila y toca los afectos y amores de ser quienes somos. Es, por tanto, una educación que inspira a Ubuntu y refleja el mundo desde una ética de práctica educativa y liberadora.

Palabras clave: educación libertaria, pedagogía comprometida, Ubuntu, comunidad educativa.

ABSTRAIT

Cet essai est une réflexion théorique inspirée par des expériences académiques contre les expériences hégémoniques que j'ai eues en tant qu'étudiant-chercheur dans le cours en Pédagogie à l'Université de Brasilia. Le projet Semeando Ubuntu et d'autres expériences collectives à l'université m'ont permis de voir d'autres voies pédagogiques possibles. Ce récit est guidé par la perspective politique d'une éducation engagée, d'un enseignement transformateur et d'une pédagogie critique qui oscille et touche les affections et les amours d'être qui nous sommes. C'est donc une éducation qui inspire Ubuntu et reflète le monde à partir d'une éthique de pratique éducative et libératrice.

Mots-clés : éducation libertaire, pédagogie engagée, Ubuntu, communauté éducative.

LADAINHA

*Das coisas que a gente sabe e que hoje precisa escrever para não esquecer.
Acumulamos muitos mortos para além desse ano pandêmico.
Mortos que agora caminham conosco para além da matéria.
Do céu ou ao nosso lado nos fazem companhia.
E de tantos que são, temos muito mais que uma ladainha.*

Minha ladainha é um rezo para toda a minha gente, para todos os meus santos, para todos os meus mortos. Ter o direito a memória e a verdade é o que peço. Peço por uma possibilidade real de justiça reparadora e pelo direito de me sentir em paz. Silêncio, atenção. Os apagamentos coloniais impedem que saibamos ao certo o que se passou, mas eu não posso me esquecer do que já sei, sinto o dever de lembrar e memorar sempre o pouco que sei, para tentar compreender os rumos do presente projeto de meu passado e assim transgrido e não compactuo com as mentiras históricas sobre os caminhos que minha gente andarilhou.

Muitos foram os obstáculos durante minhas andanças, mas foi no chão das escolas e, principalmente, nas salas de aula que estudei e passei grande parte da vida, que conheci colegas que transgrediam como podiam para tornar a vida e a memória no projeto principal de elemento do aprender. Colegas professoras e colegas alunas, que como eu, eram atravessadas pela coletividade no fazer pedagógico e faziam o que podiam para desobedecer sistemas adoecidos da educação.

Agora te pergunto, existe folha caída nesse chão que se perde? Ou nenhuma folha pode ser separada de suas raízes? Eu acredito que uma folha mesmo que arrancada carrega em si toda a sua linhagem, que é exatamente um prolongamento de suas raízes. E é graças a minha linhagem que construí esse ensaio nada preciosista, muito localizado histórico e socialmente e que por todo o exposto se constrói insuficiente e em uma eterna construção. E aqui não disputarei discursos identitários, aliás, fui forjado em entre lugares ambíguos de desidentidade. Essa é minha história de nacionalidade porosa, de linhas fronteiriças líquidas, para além de performances identitárias colonizadas. Uma eterna caminhada de retomada e reconstrução a partir das intersecções de todo o hibridismo e multiplicidades que sou.

E meu giro no mundo deve-se principalmente às minhas linhagens que me geraram. Mas me questiono se estão no desterro as minhas primeiras reminiscências. Na rememoração do passado mais próximo de minha família encontro grandes migrações e andarilhanças. Escrevo isso, pois carrego em mim, no balaio de minha vida, a andança (NASCIMENTO, 2021). Andança marcada nas canelas de retirantes nordestinos, nas mãos das raizeiras e benzedeadas convertidas, no medo das águas pela travessia forçada da grande calunga, nos traumas dos guerreiros que lutaram para além dos limites das matas, no gosto da comida bem temperada, na fome por justiça, mas também na alegria do corpo que dança, canta e toca macumba, que apreende a importância das sabedorias ancestrais pela experiência da senioridade.

Minha história começa na dela, minha mãe Susana, que se conta muito detalhadamente por minha avó materna Marina, reconstruo os giros da minha história de vida através dos contos dela. Aliás, compartilho aqui um dos muitos ditos de minha vó que traduzem bem todo o meu trabalho de resgate de minha história ancestral; “gato que nasce em forno não é biscoito”. E para além, conhecer meu pai Flaésio, o homem que o destino deu meu nome através de minha avó paterna Bernarda, que sempre muito sábia, foi e é minha professora da escola da vida.

A história do meu axé começa com a chegada ao Brasil da Africana Gaiaku Rosena, vinda de Aladá, no Benim. Esta fundou o Kwe Kpodabá, a primeira casa Fon no Rio de Janeiro, que iniciou poucas pessoas. Logo mais a Mejitó Adelaide de Vodum Ijó filha de Ontinha de Oyà Devodê filha de Gaiaku Rosena herdou o Kwe Kpodaba. O Kwe Kpodabá é a casa matriz, mas deixou ramificações, como o Kwe Sinfá, que em português poderia ser chamada de casa das Águas do destino. O Kwe Sinfá foi fundado em 1952 por Natalina de Oxun, assistida por sua Yalorixá, a Mejitó Adelaide Santos de Vodunjó. Dentre o filhos de Kwe Sinfá podemos destacar o Pai Rui de Osaguiã, que foi o primeiro filho de Yá Natalina de Oxun a abrir sua própria roça onde fez várias iniciações levando o Kwe Sinfá para Brasília e Manaus. Em Brasília meu “biso” no santo Rui de Oxalá inicia minha “avó” de santo Cicinha de Oyá, que por sua vez inicia minha “mãe” de santo Noeli de Ossain.

Foi toda essa gente que me fez gente. Gente como D. Bernarda Pereira da Silva nascida em Esperantina PI, minha avó paterna, filha de Francisco Pereira Silva e Maria Joana Silva e D. Marina de Siqueira Ferreira nascida em Parnaíba PI, minha avó materna, filha de Aldemar Pontes de Siqueira e Zulmira Rodrigues de Siqueira e meu avô materno Luiz Sérgio Ferreira de Ipueiras CE, filho de Maria do Espírito Santo e João César e meu avô paterno Francisco de Assis Gonçalves de Picos PI, filho de Manoel Luiz Gonçalves e Maria das Dores Conceição. E também minhas irmãs mais velhas Ana Luiza e Yasmin Queiroz com nossas desventuras. Toda essa gente e a gente dessa gente também me fizeram gente a sua maneira através de todas as suas memórias contidas em mim.

Essa gente existe em mim, em todos os meus jeitos, nas marcas do meu corpo, como a textura dos meus cabelos, a cor e o viço da minha pele, a cor e formato dos meus olhos, a minha altura e todas as formas do meu corpo, desde os dedos, mãos, pés, unhas, nariz, olhos, boca, testa, pernas, braços, o formato da minha cabeça, no desenho dos pelos e dos traços, no tom não apenas da minha pele, mas também da minha voz e das minhas gargalhadas, no movimento do andar e do dançar, do pular, do abraçar ou beijar, nos meus atos de ler e escrever, no vestir, no sentir, no adoecer, no deitar-se para dormir, no jeito de falar e na forma de respirar, aparecem em mim também na fé e em tudo que pulsa vida em mim.

Essa ladainha nunca acontece no individual, pois traz à tona compreensões e experiências coletivas com historicidades comunitárias. Eu, desde o centro do planalto desse pequeno quadrado capital, de

terras vermelhas enferrujadas, construído pelo encontro de parentes nordestinos, ecoo as vozes que habitam em mim!

Por esse motivo minha ladainha é para toda essa gente, que por me habitarem me tornam território ancestral. Por isso rezo pelos espíritos ancestrais, para que me proporcionem enxergar além e a me conectar da melhor maneira com o mundo que eu sou e com o mundo que me rodeia. Rezo por essa gente que vê dentro e fora de nós. Rezo ao meu pai que agora tem a sorte de não estar físico, pois agora ele pode ver com nitidez por entre os mundos sem as limitações do corpo matéria e agora enquanto ancestral vivo é algo muito maior.

SOBRE AS MINHAS VIRAVOLTAS CABRIOLAS

*“Porque eu, uma mestiça,
continuamente saio de uma cultura para outra,
porque eu estou em todas as culturas ao mesmo tempo,
alma entre dois mundos, três, quatro,
minha cabeça vibra com o contraditório.
Estou norteadada por todas as vozes que me falam simultaneamente.”
(ANZALDÚA, 2005)*

A que coletividade pertença?

Essa é uma indagação que sempre me acompanhou, pois sou um emaranhado de vozes, um mar de complexidades, sou uma multidão da kalunga, sou inseguranças e indecisões. A minha existência mestiça sempre me trouxe muitas questões. Questões que me fizeram experimentar o mundo através das minhas próprias contradições, pois nunca aprendi a ser “índio”, “preto” ou “branco” de um ponto de vista identitário anglo-americano. Nasci da pluralidade e aprendi na vida a escolher não colocar nada de lado, o bom, o ruim, o bonito, o feio, não rejeito nada, não abandono nada.

Nesta parte do ensaio me alio a Glória Anzaldua e a convido para o texto para que eu possa dizer, com as minhas mãos dadas às palavras dela, que como mestiço aprendi que não tenho país, porém toda terra que eu pisar será minha, pois eu serei dela também, que como viado aprendi que não tenho raça, pois o meu povo me rejeita, mas sou de todas as raças porque a bixa em mim existe em todas as raças. Minha cultura é pela criação de uma outra cultura, de uma outra história, para que seja possível a compreensão de existências dissidentes como a minha, para a construção de novos sistemas que compreendam as diferenças a partir de outros referenciais estéticos que possam nos conectar uma a outra e ao próprio planeta.

Sendo eu a personificação do ato de juntar, pude aprender coletivamente que apenas a união me fez forte, aliás, aprendi que permitir aliados e aliadas não é um ato de ingenuidade mas de amor, e que o contrário é pura ignorância racista de culturas segregacionistas. A cultura hegemônica,

há tempos, está nos matando de forma acelerada através da própria ignorância. Quando tiraram e tiram o nosso direito de qualquer autodeterminação coletiva nos deixam fracas e fracos, vazias e vazios e com as raízes secas em covas rasas, porém a terra é profunda. Querem que alguém como a gente, povo de cor, esteja separado, distante e em guerra com os nossos, de maneira que consigam nos apanhar sozinhos um de cada vez através das suas várias armadilhas. Lembremos que a ignorância divide as pessoas, cria preconceitos e que um povo mal informado é um povo subjugado.

De todas as minhas viravoltas o meu nascimento enquanto pai das folhas no Ilê Axé Agué Atim das mãos de minha mãe Noeli de Ossain foi pra mim um dos meus maiores giros no mundo. O mestiço deixou de ser o bode expiatório para se tornar pai de negras encruzilhadas. Nossas tradições, saberes, tempo, aprendizagem, hierarquia e autoridade me fizeram refletir sobre as transmissões de “saberes importantes” de nossas escolas, que normalmente são instituições voltadas exclusivamente aos mais jovens e que ensinam um conhecimento desconectado de suas famílias e de suas comunidades, de suas raízes, raízes negras originárias desta terra ou dos negros transatlânticos. (NASCIMENTO,1989) E saliento que toda a minha família de santo me deu forças, meus irmãos José Henrique e Vera Lúcia que zarparam comigo em um barco de três me deram forças, minhas Yás Alexandra Goulart, Elane Leite e Livia Motta me deram forças, minhas irmãs Mães Ekedies Lianne Motta e Maria do Nascimento, minha irmã Abiã Ana Dias e toda minha linhagem jeje-nagô me deu forças.

A Universidade de Brasília não foi diferente e, infelizmente, por esses e outros vários motivos muitos colegas adoeceram e perderam suas vidas no processo de ocupar o território universitário. Ficar de luto pelas várias vidas interrompidas anda se tornando comum. Também adoeci, mas o amor em minhas raízes, de minha família, foi o que me trouxe força e vida. Na minha busca pessoal por alternativas para transgredir nosso moderno mundo violento me deparei com os vários esquemas opressivos que me geram, processos esses de adoecimento e morte. Que eu não me permitia e não me permito aceitar de maneira passiva, me coloquei a andarilhar. Me mover é o que eu podia e posso fazer, continuar vivo.

A falta de uma compreensão educativa que vislumbre perspectivas outras de mundo geram processos de desumanização nos sistemas de ensino e aprendizagem. E é imprescindível ouvir outras possibilidades, perceber outros horizontes. Na universidade, os discursos hegemônicos, colonizantes e universalistas são abraçados por várias pessoas, que de várias maneiras tentam nos apagar e matar através das várias políticas pedagógicas de morte, por uma “necropedagogia”. Tive que lidar na graduação com acusações de furto, alertas sobre minhas roupas supostamente inapropriadas e da importância de me assear, fui chamado de bege, branco, preto, oportunista e inconveniente, tive não apenas minha cor questionada, mas minha sexualidade e até minha expressão de meu gênero, tive que lidar com plágio do meu trabalho, com o adoecimento e com o luto.

Mas ao me movimentar pela universidade tive a felicidade de vários encontros com colegas professoras, técnicos, terceirizadas e estudantes que também se incomodavam com as múltiplas violências em seus mundos e que também faziam o que podiam para transgredir tais toxicidades e semear vida. Adriana Almeida, Alexandra Militão, Aluizio Carvalho, Amanda Araújo, Ana Tereza, Angélica Bimbato, Beatriz Gomes, Catarina de Almeida, Daniela Barros, Daniela Sardote, Débora Silva, Fernanda Muniz, Isabela Martins, Jéssica Nayara, Larissa Castro, Leila Regina, Letícia Medeiros, Luciana Alves, Lys Guevara, Maria Clarisse, Maria Ed. Alves, Paula Balduino, Ricardo Cavalcanti, Rosânia Nascimento, Ruth Meyre, Wanderson Flor e várias outras pessoas me deram muita força para seguir me movimentando pela academia e me trouxeram vida ao tropeçarem entre os meus caminhos.

Nos processos da vida compreendi que a minha luta sempre foi interna, e que agora no processo de adquirir consciência da minha situação, que é coletiva, consigo me permitir às mudanças internas, que precedem qualquer tentativa de mudança na sociedade, pois nada acontece no nosso mundo sem antes acontecer em nossas mentes no nosso esperar. E tendo a oportunidade de me aquilombar na criação do Semeando Ubuntu, na retomada do Cineclubes Dois Candangos, no grupo Anjos da Terra, na Juventude Revolução do Partido dos Trabalhadores e no projeto TransiARTE despertei o interesse pela afetividade dentro dessas outras possibilidades coletivas e plurais de construir a educação na pedagogia.

E foram essas impermanências que me permitiram trabalhar esse ensaio ao entrecaminhar abordagens não dualistas para não cair em retóricas da alteridade, que partem de um vício nosso de buscar arcaísmos, que se voltam a uma “pureza”. Lembro ainda que minhas narrativas partem de uma instituição de marca moderna ocidental, que em muitos momentos se foca em ensinar as histórias das versões dos “vitoriosos” para garantirem com essas narrativas o poder de definir sobre fatos das nossas próprias histórias, vidas e tudo o quanto há.

Conheci a organização da Juventude Revolução no primeiro semestre de 2014 que me formou na universidade como possibilidade de ser agente político e transformador de um mundo comunitário. E mesmo com algumas delimitações teóricas partidárias pude me permitir transgredir às minhas próprias concepções de mundo, de humanidade, de vida, de saúde, de economia. Essa experiência me amadureceu e me despertou o interesse por outras possibilidades de educação e pedagogias junto a amigos muito especiais como Beatriz Gomes, Daniela Sardote, Darliane Silva, Dayse Rodrigues, Fernanda Muniz, Lívia Cairus, Natália Botelho, Ricardo Cavalcanti, Roseane Araújo, Roselaine Araújo e Vanessa Dias.

Na graduação pude participar como educador pesquisador do projeto PROEJA – Transiarte na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Educação Profissional (EP), que tinha o objetivo de qualificar no âmbito social e profissional os estudantes trabalhadores das turmas do Ensino Médio

no Centro Educacional 07 de Ceilândia junto a professora Dorisdei Rodrigues e outros grandes colegas como a Fernanda Muniz, que foi quem me convidou para integrar ao projeto. Nesse projeto de extensão universitária que integrei durante todo o ano de 2015 aprendi sobre a importância do coletivo inspirada no trabalho de Paulo Freire e também no trabalho vanguardista de mestres e mestras na educação como Renato Hilário e Maria Luiza que me ensinaram muito sobre a grandiosidade da Educação de Jovens e Adultos no Distrito Federal atrelado a arte nas produções dos próprios alunos.

Em minha caminhada acadêmica também pude integrar a retomada do Cineclube 2 Candangos da Faculdade de Educação da UnB no segundo semestre de 2015 junto a grandes colegas de trabalho como Aluizio Carvalho, Fernanda Muniz, Fábio Oliveira e Eliomar Araújo descobri a beleza dos prazeres de assistir bons filmes. E a cada sessão de filmes ou vídeos que realizávamos a partir de curadoria coletiva pude aprender mais sobre o poder das práticas educacionais que integram, nos processos formativos, as reflexões acerca da imagem, da política e do afeto.

Aprendi e aprendo com o grupo Anjos da Terra que desenvolve desde 2009 antes que eu integrasse a equipe de palhaços educadores que desenvolvem projetos nas áreas das artes na educação. Nós nos inspiramos em mestras e mestres da cultura popular e com o Aluizio Carvalho e Luciana Alves tenho a possibilidade de aprender a articular a educação às artes, às culturas tradicionais e à alegria de brincar, do dançar, do errar, do superar meus medos ao andar nas alturas, do cortejo, do festejo, do furdunço e do riso frouxo.

Em 2015 fui coautor, desde o projeto embrionário das conversas extraclasse, do primeiro coletivo negro da Faculdade de Educação da UnB, o Semeando Ubuntu. Que surgiu por uma necessidade criada por ausências. Essas ausências na universidade estavam atreladas a ausências temporais históricas causadas pelo mal colonial. E no coletivo nos percebemos pertencentes verdadeiramente a uma temporalidade nossa, mas também percebemos que nossas existências não coincidiam tranquilamente com as pretensões do tempo que vivíamos e vivemos, ao nos distanciarmos em anacronismo nos entendemos, percebemos e aprendemos sobre nossos desconfortos em descompasso com o atual tempo. O tempo que vive tensionado a todo momento pelo etnocentrismo moderno, que existe a partir da experiência colonial e que não permite nem a possibilidade de “modernidades alternativas”. No mundo tudo parece precisar fundamentalmente vir da modernidade ocidental global e ser espelho da própria Europa enquanto centro de uma única cultura, economia e civilização. (VIEIRA, 2017)

Por esse motivo é importante a crítica desse progresso colonial vendido. Perceber outras narrativas é extremamente necessário, narrativas que inclusive coexistem e que dialogam com a contemporaneidade, que conseguem resistir ao desenvolvimento perpétuo de crescimento contínuo dos tempos modernos. Essa existência única a nós imposta só é possível através da expropriação de

culturas e sociedades no processo colonizador que nos engloba no amplo e etnocêntrico termo índio, negro, ou de modo mais complexo, os mestiços, oliváceos e amarelos (VIEIRA, 2017). Compreender essa perspectiva envolve perceber que nossa terra está devastada pela colonização e para não reproduzirmos mais das mesmas violências coloniais, mesmo que não intencionalmente, em nossos projetos político pedagógicos devemos buscar soluções para reparações das situações que já estamos imersos, situações estas herdadas de um passado violento.

O mundo da era das grandes navegações e descobrimentos marítimos dos séculos XV e XVI ainda existe e persiste nas estruturas de nossa sociedade. Estado e economia se transformaram, mas nós ainda somos marcados pela dominação colonial. Subordinar-se a isso ou transgredir essas lógicas dentro de nossas salas de aula são questões que nos levam a conscientizar ou domesticar nossos educandos.

Algumas pessoas chamam isso de "paradigma colonial". Essa colonização, ou melhor, esse encontro entre pensamentos, esse encontro entre povos diferentes aconteceu há pouco mais de 500 anos e, no decorrer desse tempo, se formaram novos países, novos Estados e se escreveu uma história e uma identidade que é resultante dessa relação de organização. O Brasil foi inventado em 1500 quando colonizadores portugueses iniciaram a escrita de sua história. George Orwell disse que a história é contada pelos vencedores; mas, se existem vencedores, existem outros, que os vencedores consideram por sua vez derrotados. Nascer dentro do grupo dos derrotados é a atestar, por gerações, a negação da própria história pelos vencedores, e ter que conviver com o silenciamento, a omissão e o cinismo de que nós deveríamos ser aquilo que eles escrevem ou dizem sobre nós, e não necessariamente aquilo que sentimos e experienciamos sobre nós mesmos. (SAMPAIO, 2018, p.95)

E me conscientizar desse paradigma me ajudou a escrever sobre as ideias desse ensaio que é uma reflexão acadêmica, que em sua potência propõe ideias para uma impermanência da atual realidade limitante de visão de mundo. Esse texto em forma de ensaio parte das minhas experiências coletivas com as quais encontrei na universidade, estabelecendo diálogos entre as minhas leituras acerca de possíveis convivências coletivas, que aqui evocarei a partir da semente de ubuntu.

Poder lidar com nossas diferenças e conflitos dentro de uma perspectiva ética e política de um ensino transformador é sempre um desafio na convivência coletiva. Por isso proponho nesse ensaio várias travessias (BIDIMA, 2002), proponho a afetividade através da valentia de amar, proponho pedagogias que ginguem na luta para transgredir práticas colonizadoras da educação que acabam criando ilusões maniqueístas típicas dos pensamentos dualistas de nossas estruturas educacionais, aqui proponho o semear ubuntu como território pedagógico de transgressão que questione verdades.

Nesse ensaio me importo não com uma linearidade, mas com uma circularidade que me permite ir e vir abrindo possibilidades de conhecimentos e propor outros olhares sobre outros conhecimentos. Este ensaio, portanto, não é um manual e não tem a pretensão de se mostrar completo ou com continuidade em procedimentos, mas sim uma descontinuidade de natureza aberta. O texto surge da minha história com a educação, não numa perspectiva metodológica, instrumental e

doutrinária, mas com uma perspectiva que possibilita a abertura de expor pensamentos outros sem apresentar conteúdos acabados, mas sim reflexivos, pois sistematizar modelos exclui possibilidades outras de modelos e restringe outras perspectivas. Por isso é importante contextualizar que eu e esse ensaio somos frutos do nosso tempo e dos efeitos das contradições de nossa história.

O presente ensaio pretende ser uma reflexão teórica inspirada em minhas experiências acadêmicas contra hegemônicas a partir da profanação da educação através da transgressão no território do educar a partir da jardinagem tecendo críticas em relação às estruturas da educação na modernidade. Além disso, o ensaio busca analisar e refletir conceitos como ubuntu, comunidade, transgressão e memória pensando construções coletivas de processos educativos outros, numa perspectiva libertária através de narrativas de experiências e bibliografias que apresentam relações entre a tradição e educação. Para isso, escreverei sobre as relações sociais adoecidas, esvaziadas e amarradas pela falta de humanidade.

Por fim, busco mostrar aproximações de pensamentos diversos que constroem processos educativos em oposição a posturas reacionárias. Adotando posturas críticas em um movimento contra hegemônico emergente em oposição a valores violentos de uma “necropedagogia” despotencializadora. Aqui faço uma proposta de reflorestamento de saberes, utilizando principalmente a categoria de ubuntu, originária dos povos bantos, para pensar possibilidades das problemáticas nas ausências que estão presentes nos projetos educacionais das escolas e universidades.

Porém não tenho intenção alguma de me esgotar em compreensões sobre os assuntos abordados. Aqui levantarei apenas questões que me atravessaram na graduação como o educador e educando que sou. E se eu de alguma maneira conseguir gerar qualquer questionamento ao leitor, o meu objetivo com este ensaio já terá sido cumprido, pois através de novos questionamentos construímos novas perspectivas e possibilidades de mundo, que apenas o diálogo consegue construir.

Destaco aqui questionamentos que me nortearam na escrita. Que educador e educando quero ser ou posso ser? Que escola quero construir? Em que devo sustentar meu trabalho? É possível construir uma educação engajada e realmente emancipadora?

SEMEANDO UBUNTU, UMA NARRATIVA ENGAJADA NAS PEDAGOGIAS

Os professores universitários podem distribuir o material quanto o quiserem, mas se as pessoas ou estudantes não estiverem dispostos, sairão vazios daquela informação, por mais que a gente sinta que realmente cumpriu o dever é preciso saber o estado de humor, da classe, a estação do ano, o clima da sala e perguntar sempre se está bem, ou está acontecendo algo. (HOOKS, 2013. p. 211.)

O Semeando Ubuntu é um projeto de uma comunidade educadora que não acredita nas práticas hegemônicas de fazer pedagogia. Trabalhamos para formar pessoas competentes e que não

sejam conformistas, que critiquem e intervenham na sua realidade, transgridam com rebeldia as injustiças do seu mundo. Buscando sempre a transformação em vista a vida, semeando pedagogias que gingham e afloram os afetos e amores de ser quem somos, em coletivo, com o fim de fazer emergir uma educação que inspire ubuntu. E na prática éramos um grupo de estudos que organizava oficinas como autoformação e de formação de pessoas externas ao grupo. Criamos uma das primeiras listas coletivas de ofertas de disciplinas da Universidade de Brasília que tinham uma relação catalogada de matérias comprometidas com uma prática transgressora de educação. Participamos da ocupação e retomada do Centro de Convivência Negra da UnB. E em meio aos conflitos e adoecimentos nos apoiávamos.

Mas para entender o Semeando Ubuntu é importante conhecer sobre ubuntu, que de um modo geral é a humanidade pensada a partir de uma compreensão da relação entrecruzada de tudo que é humano. Essa rede coletiva ubuntu de humanidade é um modo outro de verdade, de pensar, de conhecer e de experimentar uma unicidade viva e comunitária. (FERRAZ, et al, 2015) A compreensão ubuntu sobre o mundo vem das nações dos povos tradicionais africanos bantus, onde a palavra ubuntu surgiu. Ramose (1999) propõe que hifenizemos a palavra ubu-ntu, pois ubu é comumente compreendido como existência, enquanto ntu é o momento que o ser passa a existir ou é a sua própria maneira de existir. Assim compreendemos que movimento é fundamental para ubuntu, pois tudo que tem potência de transformação e dança na comunidade é ubuntu. Assim reconhecemos a humanidade um no outro e nos relacionamos uns com os outros. Isso é ser sendo.

Ubuntu, portanto, é a própria humanidade e não apenas um modo de ser. Lutar persistentemente por harmonia, respeito, cuidado, partilha e reparação é ubuntu, pois a justiça é fundante em ubuntu (RAMOSE, 1999). Ou seja, pensar ubuntu é sempre pensar em uma humanidade conectada e coletiva, é excluir a possibilidade individualista de pensar sobre o ser humano, pois apenas na coletividade construímos quem somos. Assim surge o semeando ubuntu, a partir de um sentimento coletivo de necessidade de agir por uma educação engajada e humana. Pensado inicialmente pelas estudantes de Pedagogia Fernanda Fernandes Muniz, Flaésio Pereira da Silva Júnior e Helena Nisa da Rosa no 2º Semestre do ano de 2015 na Faculdade de Educação Universidade de Brasília-UnB. Nossos objetivos eram a formação do grupo e através da sementeira a multiplicação dos conhecimentos adquiridos e construídos em coletivo.

No primeiro semestre de 2016 o grupo produziu coletivamente o filme “Quadro Negro” que foi apresentado na Universidade de Brasília na disciplina Etnologia Visual da Imagem do Negro no Cinema ministrada pela professora Edileuza Penha de Souza e pelo professor Pedro Caribé e também foi apresentado na 5ª edição do SERNEGRA Decolonialidade e Antirracismo. Este curta-metragem teve como objetivo discutir e experimentar a leitura e a produção crítica da imagem na

educação para a aplicação do Art, 26A da LDB e pensar a imagem como ferramenta de representação e reparação positiva através de uma estética imagética e sonora.

Pretendia-se com isso instigar uma reflexão sobre o cinema como ferramenta para a desconstrução de estereótipos, visando a afirmação de identidades plurais, afetos, ancestralidade, corporeidade e memória. Esse experimento nos trouxe a certeza de que mesmo com toda a dificuldade que enfrentávamos em sala de aula ou em outros espaços de educação e aprendizagem seria possível transgredir acionando materiais que movimentem e formem educandos e educadores para uma consciência de si em suas comunidades.

O coletivo em suas atividades de formação sempre teve dificuldade em atrair estudantes e professores da Faculdade de Educação da UnB. Tínhamos um baixo engajamento da comunidade mesmo a Faculdade de Educação sendo uma das faculdades da universidade que tem um dos maiores números de professores e professoras negras e estudantes negros que ingressaram ou não por meio das cotas sociais e raciais. Porém, mesmo assim mobilizávamos estudantes de toda a universidade e outras pessoas fora da comunidade acadêmica em um trabalho de formiga. Nosso trabalho somado ao de outros colegas conseguiu ver um aumento expressivo de ofertas de disciplinas engajadas, que só aconteceu graças a uma mobilização comunitária de várias organizações estudantis e de parceiros e parceiras professoras e para além tivemos a felicidade de acompanhar a aprovação das cotas na pós-graduação da Faculdade de Educação.

No fazer pedagógico enquanto integrante do Semeando Ubuntu várias questões me surgiam. Questões como, qual seria o nosso papel enquanto professor ou professora que está empenhado em semear ubuntu? De que forma podemos acionar ubuntu como categoria basilar da pedagogia? Como trançar um projeto político pedagógico inspirado em ubuntu?

Começamos daí. Devemos estar de olhos abertos aos problemas dessa sociedade adoecida, pois não é possível que o atual processo pedagógico fruto dessa cultura insustentável dê conta dessa comunidade adoecida que vivemos. Assim, coletivamente, podemos projetar uma educação anti-racista, uma educação anti-sexista, uma educação decolonial ou contra-colonial (SANTOS, 2015), não capacitista, uma educação de combate a miséria, uma educação que semeie ubuntu. Pois nossa cultura causa em nossos corpos e mentes uma deterioração num movimento sinestésico de dor.

Sobonfu nos alerta, em “O Espírito da Intimidade” (2007), que a falta de uma comunidade que nos abrace e nos acolha acaba nos formando com uma psique enfraquecida, tornando a nós vulneráveis às mazelas do mundo que nos cerca. E é assim que criamos costumes viciados e doentes, costumes colonizados, racistas, sexistas, capacitistas, progressistas individualistas, costumes que partem de uma política de morte. (MBEMBE, 2010) Por isso essa educação individualista e carente de uma comunidade afeta as nossas vidas, nossa psique, nosso espírito, nossa mente e o nosso físico.

Essa educação ubuntu que aqui reivindico precisa estar ligada a processos de reorganização e de resistência e vai sempre trabalhar em coletivo a fim de gerar confiança, esperança, harmonia familiar e social, criatividade, pertencimento, autonomia, emancipação e pulsão de vida. Por isso devemos enquanto educadores colaborar com a busca de uma cultura escolar rompida com as amarras violentas da modernidade, que através de seu discurso progressista capitalista reduz as pessoas a meras produtoras e consumidoras, por isso é preciso narrar outras histórias, de outras maneiras. Nossas relações não precisam e nem devem ser de convivência com a atual estrutura social de morte que afeta a todos nós através das suas múltiplas formas de violências.

Pensem sobre o mundo que vivemos e o mundo que aspiramos viver, pois a escola e seus conhecimentos se associam aos rumos que traçamos para o mundo. A educação que se ponha a refletir sobre o bem-estar da comunidade escolar, como reflete bell hooks¹ em “Ensinando a Transgredir” (2013), pode projetar um processo pedagógico de cura. Porém todos os integrantes desta comunidade precisam estar dispostos a se colocarem em uma interação saudável, respeitosa e segura tendo a potência de se permitir ser flexível e refazer-se diariamente em suas práticas pedagógicas em novos projetos driblando todo o sistema educacional que nos limita não apenas enquanto educandos e educandas mas como educadoras e educadores.

hooks, (2013) nos chama a atenção para a importância da autoatualização, que é basilar para a nossa prática educativa. Pois no momento em que abraçarmos essa movimentação conseguiremos, enquanto comunidade, ter maior habilidade para criar e proporcionar práticas educativas que envolvam a todos em uma experiência de resistência e transgressão aos sistemas de dominação em um movimento real de semear ubuntu. A autoatualização é acima de tudo se colocar parte do processo pedagógico ao se permitir formar enquanto sujeito educador e educadora em transformação a partir da autocrítica.

Assim, compreendo a extrema importância de propor uma escola que seja rompida com os modelos de escolas desconectadas das histórias e memórias de suas comunidades, e de repensar os espaços físicos, as políticas pedagógicas, as estéticas e epistemologias. As escolas devem ser pluridiversas e precisam pertencer às suas comunidades e conhecer as demandas de suas comunidades. Por isso os projetos educacionais que se pretendem ser ubuntu precisam da consciência de que percorrerão um caminho já colonizado. E assim reafirmo a importância da valorização das diversas experiências e conhecimentos desse mundo, que não significa abandonar o conhecimento produzido pela Europa e Estados Unidos da América, mas ampliar os conhecimentos como acréscimo de vida.

¹Grafado em minúsculo por escolha política da autora.

Silva, em “Documentos de identidade uma introdução às teorias do currículo” termina seu texto dizendo que “Currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, curriculum vitae: no currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade. “ (SILVA, 2010, p. 150) Portanto, o currículo tem significados que vão para além de suas teorias, por isso é preciso compreender que o currículo muitas vezes é usado para fomentar uma comunidade violenta ao agredir identidades individuais e coletivas através, por exemplo, do silenciamento de culturas e saberes, a partir do estabelecimento de relações de controle por um de poder abusivo.

Alguns ensinamentos de hooks (2013) dizem acerca da importância da compreensão e da apreciação das diferenças posicionais em nossa sociedade, que é o que muitas feministas negras dizem sobre intersecções de raça, gênero e classe. Como aponta a autora, é necessário compreendermos as estruturas de nossas relações, para que alcancemos uma solidariedade dentro desse “nós” coletivo que objetivamos. Pensemos então que para uma real experiência em comunidade precisamos ter em mente que “comunidade é uma base na qual as pessoas vão compartilhar seus dons e receber as dádivas dos outros” (SOMÉ, 2007, p. 35). E no contexto da experiência e identidade em comunidade precisamos saber que nós estamos “misturados a uma história que nos precede e enredados em histórias que se tecem entorno e sobre nós”. (BIDIMA, 2002, p. 7)

As pessoas precisam ser vistas, ouvidas e reconhecidas para se sentirem pertencentes e capazes de aprender e atuar no mundo, em suas comunidades. Nesse sentido é possível compreender que ver e enxergar o outro e ouvir e escutar o outro é essencial para conseguirmos ler as subjetividades nas pessoas, que atravessam nossas vidas no intuito de melhor compreensão e para que de fato construamos comunidades. Comunidades estas capazes de lidar com conflitos e embates, que são comuns em nossa estrutura social de convivência, porém daí podemos estabelecer um “nós” capaz de lidar da melhor maneira possível com conflitos ao reorganizar nossas relações de maneira não destrutiva. Pensar sobre a interseccionalidade em nossas vidas, ao sobrepor identidades sociais e sistemas relacionados de violência para compreender e desconstruir categorias identitárias essencialistas estáticas/rígidas, proporciona o apreçamento de nossas diferenças posicionais e da complexidade de quem somos. (HOOKS, 2013)

Essa perspectiva intersubjetiva é viva em nossas relações e ela diz respeito sobre o ler e interpretar nossas experiências e conhecimentos a partir de nossas vivências ao nos proporcionar compreender e reagir aos valores e saberes internalizados socioculturalmente. Por esse motivo temos que ser cuidadosos com as lentes de hegemonia cultural estritamente euro-estadunidense típicas do ocidente, que produz um conhecimento defeituoso unilateral e monocultural. Portanto em sala de aula devemos cruzar as barreiras impostas pela raça, pelo gênero, pela classe e outras muitas diferenças

do conjunto de pessoas que compõem o coletivo sala de aula/escola, sem excluí-las, a fim de ter um espaço saudável propício para a articulação de ideias e diálogos, para construirmos um espaço acolhedor e uma real experiência de escuta em comunidade.

Respeitar as diferenças e valorizá-las é um caminho para uma educação que recuse aquilo que Mbembe tem chamado a atenção em seu último livro (2016), que é a persistência de uma sociedade da inimizade, na qual o outro é entendido, em sua diversidade, como inimigo e ao reconhecermos o outro enquanto inimigo adotamos práticas de controle e de embarreiramento em nome de uma segurança que tem o objetivo de afastar aqueles que são considerados ameaçadores, que aqui basta ser um outro. Porém acabamos justificando e instalando nas diferenças o inimigo em nós mesmos, fazendo com que estejamos o tempo todo em alerta com os outros e com nós mesmos.

A recusa das diferenças e das diversas experiências que se distanciam de um imaginário hegemônico nas escolas manifestam reproduções de múltiplas dimensões de violência do projeto do mundo moderno, que muitas vezes, se camufla na valorização apenas discursiva da diversidade, que se tornou uma palavra genérica para uso marginal de homogeneização do mundo. Precisamos então a partir dessas barreiras construir uma consciência de que o mundo é diverso, e a escola também, por isso enquanto educadores precisamos trabalhar de modo engajado com o objetivo de curar nossas relações e eliminar de nossas convivências o duo oprimido/opressor. (HOOKS, 2013) (MBEMBE, 2016)

Nenhuma realidade é porque tem que ser. A realidade pode e deve ser mutável, deve ser transformável. Mas, para justificar os interesses que obstaculizam a mudança, é preciso dizer que “é assim mesmo”. O discurso da impossibilidade é, portanto, um discurso ideológico e reacionário. Para confrontar o discurso ideológico da impossibilidade de mudar tem-se de fazer um discurso também ideológico de que pode mudar. Eu não aceito, eu recuso completamente essa afirmação, profundamente pessimista, de que não é possível mudar. (Freire, 2001, p. 169)

O movimento está em tudo. Desde o universo e sua expansão cósmica aos átomos que nos constituem. É da natureza ancestral que os corpos dançam. Tudo tem potência divina, e o amor e o espírito de tudo é conectado e esse projeto embrionário do nosso tempo presente se constrói e reconstrói a partir de histórias e memórias vivas, que por estarem vivas pulsam movimento. Questionar a todo momento tudo, ser malcriado, transgressor e rebelde é estar vivo. (PETIT, 2015; HOOKS, 2013; SOMÉ, 2007)

Destaco que estamos em movimento, para que não esqueçamos que tudo muda. A escola ou a universidade não seria diferente. Nosso pensar e nossas ações precisam se perceber em movimento dentro da comunidade escolar, pois nossos diferentes modos de ser, enquanto professoras ou estudantes mobilizam processos na direção que uma escola caminha, por isso devemos assumir essa grande responsabilidade de trilhar de forma questionadora os caminhos da docência. (FREIRE, 2001; FREIRE, 1997)

Essa compreensão crítica distancia qualquer leitura de mundo que não compreenda contradições ou que racionalize de forma estática a ciência. Aliás, toda teoria científica nasce contendo em si as possibilidades de ser refutada. Então para esse projeto educacional é importante o questionamento e o trabalho a partir de uma educação crítica, emancipadora e que entenda os saberes ancestrais, intergeracionais e plurais de forma que a teoria tradicional hegemônica euro-referenciada deixe de ser a única possibilidade de prática pedagógica. (SAMPAIO, 2018; DIAS, 2018)

Garantir o direito a uma educação de qualidade é também garantir uma educação que esteja para além das burocracias dos saberes e direitos sintéticos, que são fundados a partir de princípios socioinstitucionais voltados para as propriedades, e mesmo que seja extremamente importante o respaldo legal “progressista” para nossa segurança jurídica lembremos que a ciência hegemônica não estará comprometida com uma prática à margem, pois é engessada em sua visão limitante de experiência com a vida e por isso pouco é feito para que mudanças mínimas, mas essenciais, aconteçam sobre relações oprimido e opressor na prática docente. (SANTOS, 2015; FREIRE, 1997)

A academia é a principal instituição da sociedade “ocidental” de manutenção da colonialidade, pois ela é autorreferente e euroreferente, no sentido que apenas se legitima por ela mesma, citando e usando como referência os pensadores reconhecidos dentro da continuidade do pensamento e da epistemologia ocidental: os eternos pensadores brancos, que ecoando o paradigma colonial, me coagem a me expressar à sua maneira para fazer compreender dentro do espaço acadêmico. (SAMPAIO, 2018, p. 109)

Em “Por uma outra globalização” de Milton Santos (2000) nos é mostrada essa possibilidade de entender percepções outras de mundo em paralelo ao discurso desse único mundo ocidental global e sintético. A generalização ideológica do discurso único do mundo, é normalmente acompanhada de outros discursos como o de que as pessoas sempre terão de competir umas com as outras, de que por isso guerras são normais, ou que alguns sempre estarão superiores no mundo por merecerem, e que tudo isso nunca vai mudar.

E enquanto cientistas, não podemos ceder a simplificação dos números em nosso trabalho, ou à falsa realidade da ideologia desse mundo único, estático e sintético. Não podemos esquecer nunca das complexidades enquanto seres vivos e diversos, que sabem de formas diversas e que estão em comunidades diversas. Por isso temos o dever de participar de forma comprometida com os processos de transformação das escolas e com nossas maneiras de fazer ciência, para que quem esteja morrendo não se perca no esquecimento e de fato seja compreendida ou compreendido como uma vida que tem o direito de viver com todas as suas complexidades enquanto ser vivo e importante. (SANTOS, 2000; SAMPAIO, 2018; SANTOS, 2019)

É necessária a construção de processos educativos significativos, em que o ensino e a aprendizagem estejam sempre em movimento e que sejam verdadeiros frutos de diálogos com as suas

comunidades, com propostas embasadas em pedagogias críticas e engajadas para que coloquemos educandas e educadoras em comunhão com suas comunidades, e provocar os envolvidos a refazerem-se a todo momento, de maneira a mobilizar a cultura de sementeira com o objetivo de enraizamento e reflorestamento de saberes. (DIAS, 2018)

Aprendi com as escritas de Daniela Barros que os processos de aprendizagem são e devem ser compreendidos também como diversos. Por exemplo, “Dentro dos terreiros, a tradição oral ensina também pelo silêncio, pelo segredo e pelos sinais, pelas manifestações da natureza compreendidas como uma ancestralidade humana (PONTES, 2019, p. 205). Assim compreendemos as complexidades das infinitas possibilidades de organicidade de saberes e de suas transmissões.

E para além, somos sujeitos históricos de nosso presente, colhendo os frutos daqueles que vieram antes. As conquistas das gerações que nos antecederam proporcionam a nós a possibilidade de existir e resistir em nossas complexidades e diferenças. Tudo através da luta coletiva e comunitária. Na jurisdição brasileira não seria diferente, nossa Constituição de 1988 é chamada de “Compromissória”, pois ela é a materialização da busca de possibilidades de conciliação entre plurais ideologias, sendo elaborada com grande participação da população e por esse motivo é um marco legal inicial do reconhecimento das diferenças no Brasil. (MOURA, 2014)

Ferramentas burocráticas através do Estado também tem uma certa potência de abrir caminhos a uma diversidade de possibilidades para questionar e pressionar o próprio positivismo do mundo, para que tenhamos medidas “reais” e desde nossa condição “democrática” limitada foi possível a construção da Lei 9.394, Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional - LDB (1996) que estabelece em seu artigo 26º não só a necessidade de termos uma base nacional comum, mas de uma parte diversificada nos currículos da educação básica, a partir da individualidade das características regionais de cada sociedade permitindo uma reorganização dos saberes conforme as especificidades das demandas educativas locais como a educação bilíngue e multicultural para os povos originários.

É importante lembrar também da Lei nº 11.645/2008, que altera a LDB, e estabelece a inclusão no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade do ensino de “História e Cultura Afro-brasileira e Indígena”. Assim temos uma grande conquista como resultado das mobilizações engajadas dos povos indígena e negros do Brasil, que se colocaram nas políticas públicas através da educação, acredito eu, por acreditarem no potencial de mudança e movimento na educação.

Essas ferramentas abrem caminhos a uma diversidade de possibilidades para questionar e pressionar nosso Estado positivista, para que tenhamos medidas reais e efetivas no combate a desigualdade e fazer valer nossos direitos e respeito. Porém o trabalho de uma pedagogia engajada está para além de uma educação oficial própria dos processos ou dispositivos burocráticos do Estado, que se vendem essenciais para os processos educacionais e que esquece do principal fator na

educação, que é o encontro entre pessoas diferentes, de comunidades diferentes, territórios diferentes, corpos e vidas diferentes e que estão envolvidas em processos históricos diferentes. Por isso reivindicar o direito de viver encontros de aprendizagem estão para além das burocracias da legislação brasileira que acabam por escravizar a realidade por uma democracia monopolizada pelos poderosos.

Atualmente temos o Conselho Nacional de Educação - CNE, órgão colegiado integrante do Ministério da Educação, instituído pela Lei 9.131, de 25/11/95, com a finalidade de colaborar na formulação da Política Nacional de Educação e exercer atribuições normativas, deliberativas e de assessoramento ao Ministro da Educação emitindo pareceres como o de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2004) e o de Rita Gomes do Nascimento (2015) que construíram diretrizes para implementar a política curricular em decorrência do que preceitua a Lei nº 11.645/2008.

Porém, temos em nossas escolas apenas os dias 19 de abril e o 20 de novembro como mobilizadores “oficiais” da Lei 11.645/08 que comumente são datados com conteúdos superficiais, estereotipados, com pouca ou nenhuma contextualização ou criticidade acerca da importância desse conteúdo no combate ao racismo e a discriminação. (SAMPAIO, 2018) Assim, temos um dispositivo legal que cria possibilidades de não silenciar, não invisibilizar e não marginalizar como medida reparadora da história e cultura colonial, porém as políticas de morte estão também na educação a partir dos seus próprios processos no ensino e aprendizagem que eu chamo de “necropedagogia”.

Pode-se chamar de políticas da memória o conjunto de intervenções de atores públicos que objetivam produzir e impor lembranças comuns a uma dada sociedade, em favor do monopólio de instrumentos de ações públicas (comemorações oficiais, programas escolares de história, leis memoriais, panteões, etc.). A construção de uma narrativa coletiva feita pelos poderes públicos é parte integrante desse modo de ação pública. (MICHEL, 2010, p. 14).

Essa política de memória na educação é uma “necropedagogia” da memória. Pois através de dispositivos simbólicos e legais ensinamos e aprendemos a possibilidade da identificação e assimilação de um grupo pequeno a um outro grupo mais amplo. E essa aberração acaba excluindo, até por discursos nacionalistas, narrativas outras da coletividade através de políticas identitárias. As ações do Estado e das pessoas que reproduzem esse espelho ideologizante silenciam, apagam e exterminam memórias históricas e intergeracionais de grupos subalternizados. (PAZ, 2019; MBEMBE, 2010) E nós não cabemos nas caixinhas identitárias, pois transbordamos complexidades sociohistóricas.

Compreendamos que necropedagogia é toda prática pedagógica que no seu processo educativo se mobiliza através da despotencialização da pulsão de vida dos envolvidos da comunidade educadora. Essa pedagogia de morte acontece quando mata-se saberes e memórias, histórias e experiências, a escuta e a fala, a dança dos corpos e a esperança revolucionária e se mantém narrativas hegemônicas, mas para além acontece também quando causa a morte pelo seu potencial devastador através da aflição, do adoecimento, da desumanização, da fome e da miséria em todos os

seus sentidos de ausência. A necropedagogia age não somente de forma silenciosa no cotidiano ao construir em nós maneiras de aceitação e manutenção de violências, mas de forma escancarada também e com tons de normalidade. E para mim é importante ressaltar que qualquer estranhamento e impressão de ineditismo do que eu trago nesse ensaio nada mais é do que o resultado da ação da necropedagogia, que é muito anterior a mim e quem vem sendo denunciada de várias maneiras por várias pessoas anteriores a mim.

Garantir que, enquanto família, comunidade, sociedade ou Estado, sejam respeitados e priorizados o direito a vida e tudo que engloba o bem viver dentro e fora dos espaços escolares perpassa pelo trabalho de projetos coletivos de pessoas engajadas. É possível perceber através da história que, apesar de nossa jurisdição ou documentos norteadores dos caminhos da educação no Brasil, quem concretiza a mudança de paradigma no mundo é o esforço comum de pessoas empenhadas em fazer acontecer, que se solidarizam e compartilham a humanidade. (ALCANTARA, 2017)

Para isso é necessário um compromisso coletivo e uma responsabilidade comunitária com a educação através da ética política que se estabelecem nessas pedagogias engajadas e transgressoras. Portanto devemos compreender e acompanhar as movimentações desse nosso mundo que se mostra tão adoecido em suas relações desumanas. Para isso é importante perceber que nossos corpos e nossas vivências coletivas são sempre diferentes e que se entrecruzam em nós por histórias diversas em inúmeras experiências, que passam por prazeres, mas que também se entrecruzam com as diferentes dores de experiências de poder sobre nós como os efeitos estruturais da colonização, do sexismo ou da miséria na fatura, por exemplo. (HOOKS, 2013; FOUCAULT, 2015; SANTOS, 2015; FREIRE, 1996)

Nós aprendemos que devemos ter o corpo dominado e dócil (FOUCAULT, 1999). Com nossos corpos obedientes e nossas mentes colonizadas. Assim a palavra transgressão, que sugere a transgressão de normas, acaba dificultando bastante o trabalho engajado e libertário nas salas de aula ou em qualquer outro espaço, sendo enorme a resistência sobre essas propostas. Por isso é importante que façamos emergir no processo pedagógico essa consciência humanizada de vida para que ninguém tema a própria liberdade. (DIAS, 2018; HOOKS, 2013)

Porém, Michel Foucault (2015) nos escreve que onde há poder há resistência. E a escritora e professora bell hooks (2013) nos ensina que as estruturas reacionárias das instituições não estão dispostas à mudança, pois a atual maneira que são hoje se trata do único modo que reconhecem sua existência no mundo. Essas instituições se alinham como resistência reacionária a todo momento e se aliam aos poderosos para se manterem dominantes. Por isso é sempre necessário resistir e transgredir essas instituições de poder e dominação. (DIAS, 2018)

Segundo Nêgo Bispo a “confluência é a lei que rege a relação de convivência entre os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo se ajunta ou se mistura, ou seja, nada é igual. Por assim ser, a confluência rege também os processos de mobilização provenientes do pensamento plurista [...]”. (SANTOS, 2015, p. 89) Essa perspectiva diz sobre as relações entre os diferentes, e que todos nós temos a agência para pensar e sentir nas relações que estabelecemos em nossas vidas e que é o ajuntamento de gente que faz com que existamos em nossa inteireza um para com o outro de forma sadia. Então decidir transgredir e demolir os muros que criam dualidades maniqueístas de mundo entre comunidade e escola é contribuir para a legitimação e valorização da construção de outros saberes e isso é decisivo para definir os rumos de uma escola. E para o sucesso desse processo é imprescindível a união de esforços com a sociedade através de uma contínua autocrítica

E lembremos, “São nas marés pequenas que se constroem e implementam as pequenas revoluções.” (SACRAMENTO, 2019, p. 167)

POR UMA OUTRA EDUCAÇÃO

Como a vida é um ciclo o encerramento desse ensaio anda de mãos dadas com sua abrição. Ou seja, oportunidade nova de recomeçar. E como digo, trabalhar por uma pedagogia de vida é se movimentar pelo fim da peste, que significa o sepultar de várias pragas para além da doença da carne, é se preparar para as novas pragas que virão, mas é também se lembrar que precisamos existir para além da dor.

Portanto é necessário questionar sempre nossas maneiras de educar e escolarizar, construindo propostas que abracem diferentes formas de pensar. Os paradigmas da colonialidade no mundo não podem impedir a gente de nos movimentar por novas relações societárias. Precisamos colocar nosso sistema educacional em frente o espelho a todo momento, mostrando suas violentas estruturas que precisamos desconstruir e ultrapassar através de engajamento comunitário por meio de pensamentos outros.

Os ecos que ainda ouvimos do passado acerca do encontro colonial dos anos Mil e Quinhentos são vários e sempre ressurgem com tons e volumes diferentes. A ordem e o progresso são sempre justificativas desenvolvimentistas para justificar aos negroameríndios uma colonização, dominação e controle de suas vidas e recursos às leis do mercado. É precisamos desacelerar e nos conscientizar ecologicamente. É preciso semear florestas de vida. Para isso precisamos interromper a linha reta e contínua que escreve a história sob a régua da hegemonia, capitalista e conformista.

Compreender que várias memórias foram e são apagadas em nossa forma de escrever e contar história e buscar justiça através do resgate de outras verdades é não permitir que a barbárie necropedagógica se perpetue nos territórios do educar. Porém, o modo linear e individualista da sociedade é espelhado em nossa educação.

E para que seja possível transformações reais em nossa sociedade a ação crítica na busca por saber deve substituir a cultura de massificação do pensamento que age através de uma lógica produtivista e linear. E lembremos, a extrema razão não nos possibilitará fuga desse caminho reto da história, pois qualquer razão que se fundamente no progresso transforma as pessoas em meros consumistas.

Com todo o exposto chego aos arremates deste ensaio com o desejo de ter proporcionado aflorações nas sensibilidades às múltiplas histórias que confluem no mundo. Saliento ainda que devemos estar atentos e atentas ao fato de que é o presente colonial, através de sua memória viciada, que tem escolhido a narrativa sobre as nossas histórias. E, que apesar de estarmos nessa situação, o que eu aprendi é que todos e todas nós podemos questionar tudo e transgredir através de outros caminhos e outras possibilidades.

É possível reescrever e reconstruir outras possibilidades. Aliás novidades nascem a todo momento sem que qualquer pessoa perceba. O mundo está num contínuo estado de mudança, pois o mundo dança e para quem está com o quadril colonizado ouça sempre o sussurro que diz para “rebolar o cuscuz”, pois cabe a nós a semeadura correta para uma colheita que seja cheia de vida.

Por fim, agradeço a Oxalá pela finalização e concretização da construção escrita deste ensaio e lembro a todo mundo que nada se esgota e acaba apenas pela colocação de um ponto final. Aliás, ponto final também é semente.

Ahoboboi!

Êpa Babá!

Salve Oxalá!

BIBLIOGRAFIA

ALCANTARA, Liliane Cristine Schlemer; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. Bem Viver como paradigma de desenvolvimento: utopia ou alternativa possível?. Desenvolvimento e meio ambiente, v. 40, 2017.

ANZALDÚA, Gloria. Tradução de Ana Cecília Acioli Lima e Revisão de Susana Bornéo Funck. La conciencia de la mestiza a conciencia de la mestiza a conciencia de la mestiza / Rumo a uma nova consciência um a uma nova consciência Estudos Feministas, Florianópolis, 13(3): 704-719, setembro-dezembro/2005

BIDIMA, Jean-Godefroy. De la traversée: raconter des expériences, partager le sens. Rue Descartes, 2002/2, n.36, p.7-17

BRASIL - Lei no 11.645/2008, de 10 de março de 2008 - Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

CARNEIRO, Sueli. A Construção do Outro Como Não-ser Como Fundamento do Ser. 2005.

DIAS, Juliana de Freitas; COROA, Maria Luiza MS; DE LIMA, Sostenes Cezar. Criar, Resistir E Transgredir: Pedagogia Crítica De Projetos E Práticas De Insurgências Na Educação E Nos Estudos Da Linguagem. Cadernos de Linguagem e Sociedade, v. 19, p. 3, 2018.

ELNIÑO, Thiago. Pedagogia. In: A Rotina do Pombo. 2017. Disponível em: Acesso em: 14 jul. 2017.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: o nascimento da prisão. 20ª ed. São Paulo: Vozes, 1999, p.117.

FOUCAULT, M. História da sexualidade 1: a vontade de saber. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015. v. 1.

FREIRE, A.M. de A. (org.) Pedagogia dos sonhos possíveis. São Paulo: Unesp, 2001.

FREIRE, P. Pedagogia da esperança: um encontro com a pedagogia do oprimido. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 24ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa, 7ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan/jun.). 1988b, p. 69-82.

HOOKS, bell. Ensinando a Transgredir, A Educação Como Prática da Liberdade. 2013.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. Arte & Ensaios | revista do ppgav/eba/ufrrj | n. 32 | dezembro 2010.

MBEMBE, Achille. Políticas da Inimizade / Politiques de l'inimitié. 2016.

MICHEL, Johann. Podemos falar em uma política do esquecimento? Revista Memória em Rede, Pelotas, v.2, n.3, ago-nov. 2010.

MOREIRA, Antônio Flávio, CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas / . 2. ed. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2008.

FERRAZ, Murilo, LOPES, Marcos Carvalho e MACHADO, Adilbênia. Convidado Wanderson Flor do Nascimento. Filosofia Africana: Ubuntu. Um Pensar Através das Tradições Vivas de Ubuntu. Produção Filosofia Pop. 2015. Podcast disponível em: <<https://filosofiapop.com.br/podcast/filosofia-pop-015-filosofia-africana-ubuntu/>> . Acesso em: 08 de fevereiro de 2021.

NASCIMENTO, Maria Beatriz (1989) Textos e narração de Ori Transcrição (mimeo).

NASCIMENTO, Rosânia Oliveira Do. Convidada Josefina Serra dos Santos. Ep. #1: A Baixada é quilombola. OPARÁ produção, 07/02/2021. Podcast disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7pQ1PXwpUHskoL5wZJv5c2?si=b5Mkci0PSia0CepIt3QnVA&utm_source=whatsapp&dl_branch=1> . Acesso em: 08 de fevereiro de 2021.

PAZ, Francisco Phelipe Cunha. Memória, A Flecha Que Rasura O Tempo: Reflexões Contracoloniais Desde Uma Filosofia Africana E A Recuperação Das Memórias Usurpadas Pelo Colonialismo Memóri (Y), The Arrow That Breakes Time: Counter. 2019.

PETIT, Sandra Haydée. Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores: contribuições do legado africano para a implementação da Lei nº 10.639/03. EdUECE, 2015.

PIAZZA, Maria Cecília Paladini. O ensaio como forma em Walter Benjamin: contribuições do gênero ensaístico para a educação – Criciúma, SC: Ed. do Autor, 2016.

PONTES, Daniela Barros, Saulo Pequeno Nogueira Florencio, and Patrícia Lima Martins Pederiva. Educação na Tradição Oral de Matriz Africana: A Constituição Humana Pela Transmissão Oral de Saberes Tradicionais–Um Estudo Histórico-Cultural. Appris Editora e Livraria Eireli-ME, 2019.

RAMOSE, Mogobe B. African Philosophy through Ubuntu. Harare: Mond Books, 1999, p. 49-66. Tradução para uso didático por Arnaldo Vasconcellos.

SACRAMENTO, Elionice Conceição. DA DIÁSPORA NEGRA AO TERRITÓRIO DAS ÁGUAS, Ancestralidade e protagonismo de mulheres na comunidade pesqueira e quilombola Conceição de Salinas-BA. Programa De Pós-Graduação Em Desenvolvimento Sustentável–Mespt. 2019.

SAMPAIO, D, H. UKUSHÉ KITI NIÍSHÉ: Direito à memória e à verdade na perspectiva da educação cerimonial de quatro mestres indígenas. Programa de pós-graduação em direitos humanos e cidadania, Universidade de Brasília. Dissertação de Mestrado, 194p. 2018.

SANTOS, Antônio Bispo dos. As fronteiras entre o saber orgânico e o saber sintético. In: CHAVES, M.; GARCIA, R.; NASCIMENTO, W.; OLIVA, A. (org.). Tecendo redes antirracistas: Áfricas, Brasis, Portugal I. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo. Colonização, Quilombos: Modos e Significações. 2015

SANTOS, Milton.. Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal, Record, São Paulo. 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu. Documentos de identidade uma introdução às teorias do currículo. 2010.

SOMÉ, Sobonfu. O Espírito da Intimidade. Ensinaamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos. 2007.

VIEIRA, Mariane Aparecida do Nascimento. Narrativa dos ameríndios: disseminação de uma visão do contemporâneo. 2017. Dissertação de Mestrado.

OUTRAS FONTES CONSULTADAS

BÂ, Amadou Hampaté. A tradição viva. História geral da África, v. 1, p. 181-218, 1982.

CARVALHO SANTOS, Aluísio Augusto. Companhia carroça de mamulengos:

Tempos e territórios de aprendizagens . Brasília. 2016.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG, v. 194, p. 136-162, 1996.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 14. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

FREIRE, P. Educação na cidade. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, P. Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. Editora UNESP. São Paulo, 2000.

GROPPO, Luís Antonio. Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GROSS, Daniele Gonçalves Lisbôa et Al. Reflexões Acerca Da Etnicidade E Diversidade Cultural Na Bncc E No Pnc. Humanidades & Inovação, V. 6, N. 18, P. 244-256, 2019.

HOOKS, bell. Moving Beyond Pain. Traduzido por Charô Nunes e Larissa Santiago.

JECUPÉ, Kaka Werá. Todas as vezes que dissemos adeus. São Paulo: TRIOM, 2002

KOHAN, Walter Omar. Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica. Práxis Educativa, v. 15, p. 1-9, 2020.

LARROSA, Jorge. Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas. Autêntica, 2017.

- LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos feministas*, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.
- MATO, Daniel. Para além da academia: práticas intelectuais latino-americanas em cultura e poder. In: MARGATO, Izabel; GOMES, Renato Cordeiro (orgs.). *O papel do intelectual hoje*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona. 2014.
- MBEMBE, Achille. *Sair da grande noite: Ensaio sobre a África descolonizada*. Lisboa: Pedago. 2014.
- MOURA, Solange Ferreira de [organizadora]. *Livro didático de História do Direito brasileiro* - Rio de Janeiro: Editora Universidade Estácio de Sá, 2014.
- MUNIZ, Fernanda Fernandes. “Macumba” ou “dança do Índio?” Persistência e reprodução do racismo em contexto escolar. Brasília. 2019.
- OLIVEIRA, C, V. Jatenco-Pereira. *Observatórios Virtuais, Fundamentos de Astronomia*. Cap. 18.
- PARRACHO, Bianca Basile et al. A Legitimidade presente no silêncio das palavras de Kaka Werá Jecupé. *Nau Literária*, v. 9, n. 2, 2013.
- RATTS, Alex. *Eu sou atlântica. Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto, 2006.
- RODRIGUES, Ruth Meyre. *Educação das relações raciais: Desafios à Gestão*. 2017.
- RUFINO, Luis. *Paulo freire: O caboclo atira versus de liberdade*. 2021.
- SANTORUM, Andrelise Gauterio *Fascismo. À Brasileira: Juventude E Imprensa Como Instrumentos De Doutrinação Da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)*. 2018.
- SCHLÖSSER, Adriano; RELIGIOSO, UFSC Grupo de Trabalho–Ensino. *Práxis De Transformação: Diálogo Entre Paulo Freire, Ignacio Martín-Baró E Jon Sobrino*. In: *Anais do XI Congresso Nacional de Educação–EDUCERE*. 2013.
- SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.